



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



MÃE DAS DORES,
LIVRAI-NOS
DA MORTE
ETERNA

Das leitores



"....Assim que estiver residindo novamente em local definitivo, voltarei a entrar em contato com vocês...Agradeço a atenção que me foi dada até hoje, no envio do jornalzinho...."

CLÁUDIA CRISTINA GIGLIO
SÃO PAULO - SP

"....Fiquei encantada com a revista "O Desbravador". Minha colega me deu uma de presente. Fiquei muito feliz em receber...."

GUIOMAR NOGUEIRA P. DA SILVA
SÃO PAULO - SP

"....Salve Jesus! Salve Maria!
Gostaria de receber os exemplares de "O Desbravador". Achei boa e interessante esta revista que eu não conhecia"

ANTONIO MARCOS MACHADO
SÃO PAULO - SP

"....Tive a oportunidade de ler um dos exemplares e fiquei super admirado pela riqueza que contem esse jornal, fiquei muito interessado e por isso gostaria muito de o receber em minha própria casa. Seria para mim uma honra e peço-vos encarecidamente que façam isso pois eu ficarei muito grato...Sou Católico e devoto de Maria Santíssima, gostei muito de como vocês falam a respeito dEla. Louvado seja Deus por isso...PAZ E BEM...."

FRANCISCO IVAN
FORTALEZA - CE

"....Tive o prazer de conhecer a revista "O Desbravador" e gostei muito, por isto, se possível, gostaria de receber mensalmente o exemplar de "O Desbravador"...."

EDVANDA MARIA E S DO COUTO
VITÓRIA DA CONQUISTA - BA



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

DIRETOR:

MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

ANSELMO LÁZARO BRANCO
JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
VALMIR DE CASTRO

SUPERVISÃO

SELMA AP. L. B. DE MATOS
HERIBALDO C. DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
LIA MAURA DE FREITAS
ELIAS BARBOZA DOS SANTOS

COMPOSIÇÃO

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

REDAÇÃO

REINALDO R. DOS SANTOS
LEDIONILSON A DO NASCIMENTO
RONILSON VERÍSSIMO
SÁVIO FERNANDES BEZERRA
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
MARIA DO CARMO M. RUFINO
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
RAULO HENRIQUE SALLES
VICENTE WALTIER S. MACHADO
PATRÍCIA MIDDES

EXPEDIÇÃO

ROMILSON CHAVES SILVA
WALADIER NERI S. MACHADO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO
LUIS AKIO YASUTAKE
JOÃO ELCI DO ROSÁRIO
LECIONETE AMORIM DO NASCIMENTO
MARCOS PAULO DINIZ
JORGE HENRIQUE SIQUEIRA RIBEIRO
CLEMILSON BEZERRA DA SILVA
CAIXA POSTAL - 6416
01051 - SÃO PAULO - SP

EDITORIAL

Os homens, normalmente, se apavoram em pensar no seu destino após a morte.

Mistério tremendo que atinge o pobre e o rico, o jovem e o velho, enfim, todos os seres humanos.

A razão nos mostra que existe uma vida após esse vale de lágrimas e os bons terão uma recompensa e os maus um castigo.

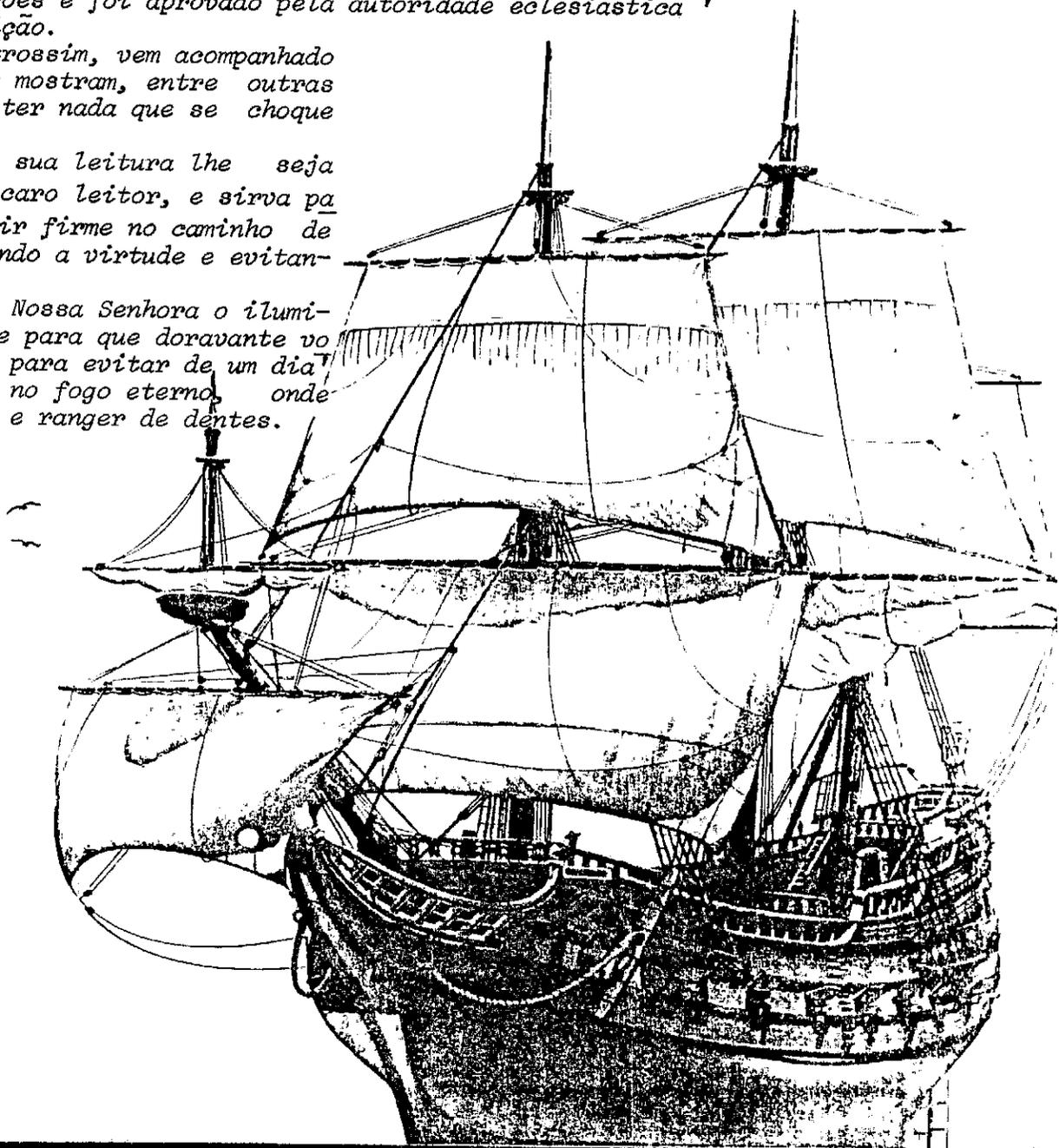
A Fé nos fala do Céu para aqueles que morrerem na graça de Deus e de um inferno eterno, cheio de sofrimentos para quem morrer em pecado mortal.

No presente número de "O Desbravador", apresentamos um impressionante relato que ajudou um sem número de pessoas a se converterem e mudarem de vida. Esse relato baseia-se nos papéis deixados por uma jovem e tem corrido mundo. Teve inúmeras publicações e foi aprovado pela autoridade eclesiástica para sua edição.

Outrossim, vem acompanhado de notas que mostram, entre outras coisas, não ter nada que se choque com a Fé.

Que sua leitura lhe seja proveitosa, caro leitor, e sirva para você seguir firme no caminho de Deus, praticando a virtude e evitando o pecado.

Que Nossa Senhora o ilumine e desperte para que doravante você faça tudo para evitar de um dia ser queimado no fogo eterno, onde haverá choro e ranger de dentes.



DAI ESMOLAS



A Igreja, através de vários documentos pontifícios, afirmou que a denominada "Questão Social" é, antes de mais nada, MORAL E RELIGIOSA.

Assim sendo, não é jogando pobres contra ricos, como faz a malsinada "Teologia da Libertação", que se resolverão os problemas da sociedade, mas somente pela prática da Caridade Cristã.

Somente mudando-se os corações pela prática das Virtudes Cristãs, melhorar-se-á a sociedade.

Dom Bosco insistia veementemente para que os ricos abrissem seu coração e sua bolsa para ajudar os menos favorecidos.

Creemos que, se os padres imitassem Dom Bosco neste ponto, os resultados seriam maravilhosos.

Mas, vamos às palavras do próprio Dom Bosco, onde ele não manda tirar de quem tem, mas fala ao que tem, que pratique a Caridade:

...Mas desçamos um pouco à prática. Alguém terá mil francos de renda e pode viver honestamente com oitocentos; pois bem, os duzentos que sobram caem sob as palavras: Dai esmola.

- Mas uma necessidade imprevista, uma escassez na colheita, uma desgraça no comércio... - Mas destareis ainda vivos então? E Deus, que agora vos ajuda, não vos ajudará especialmente se houver desdado por seu amor? Eu digo que quem não dá o supérfluo, rouba o Senhor e, com S. Paulo, não possuirão o reino de Deus.

- Mas a minha casa é pobre; tenho necessidade de substituir alguns móveis já muito velhos e em desacordo com o gosto corrente. - Se permitis, entro com vosco em vossa casa. Vejo móveis muito elegantes, uma mesa provida de ricos serviços, um tapete ainda bom. Não se poderia evitar a troca desses objetos, e em vez de adornar as paredes e o chão, vestir tantos pobres meninos que sofrem e que são também membros de Jesus Cristo e templo de Deus? Vejo ainda prata e ouro e enfeites marchetados de brilhantes.

- Mas são uma lembrança... - Esperais que os ladrões venham roubá-los? Não os usais, nem vos são necessários. Tomais esses objetos, vendei-os e dai o dinheiro aos pobres: vós os dais a Jesus Cristo, e adquiris uma coroa no céu. Assim não desequilibras os vossos bens, nem vos privais do necessário.

E aquela caixinha tão bem fechada? - Não é nada. - Nada? Deixai-me ver. - Eis aí: alguns milhares de napoleões de ouro; conservo-os porque pode sobrevir uma doença; além disso há um vizinho que me incomoda; queria comprar aquela propriedade; e assim o meu sítio faria mais vista. - Mas isso é supérfluo, digo eu; estais obrigado a tomar esse dinheiro que não aproveita a ninguém e fazer o que Jesus Cristo ordena. Quereis conservá-lo? Conservai-o então, mas ouvi. O demônio virá, e com esse dinheiro fará uma chave para vos abrir o inferno. Se quiserdes evitar tamanha desgraça, imitai o exemplo de S. Lourenço e socorrei os pobres. Dando aos necessitados os vossos bens, vós os colocais como na mão dos Anjos, os quais farão deles uma chave para abrir-vos o céu no dia da vossa morte.



ENTRE OS PAPEIS DE
UMA MOÇA, FALECIDA
AINDA JOVEM, NO
CONVENTO, FOI EN-
CONTRADO O SEGUIN-
MANUSCRITO, QUE PU
BLICAMOS EM VERSÃO
PORTUGUESA. DEVEMOS
DIZER QUE A EDIÇÃO
DE ONDE EXTRAÍMOS
O PRESENTE ARTIGO
OBTIVE, EM 1967,
IMPRIMATUR DE DOM
LAFAYETTE, ENTÃO
VIGÁRIO GERAL DA
ARQUIDIOCESE DE
SÃO PAULO.

UMA CARTA DO ALÉM

Eu tinha uma amiga. Isto é, entramos em contato, por causa do escritório em..., onde trabalhávamos uma ao lado da outra, em uma firma comercial.

Mais tarde Anita se casou e eu nunca mais a vi. Anita, reinava entre nós duas, desde o começo, mais cortesia do que propriamente amizade. Por isso mesmo, pouco senti sua ausência, quando ela, após seu casamento, foi morar em um quarteirão das vilas de..., muito longe de minha casa.

Quando no outono de 1937, eu passava minhas férias às margens do lago de Garda, escreveu-me minha mãe, pelo fins da segunda semana de setembro: "veja, Anita N. morreu! Foi vítima de um acidente de automóvel. Foi sepultada ontem em Waldfriedhof, cemitério do bosque".

Esta notícia me espantou. Sabia que Anita nunca fora muito religiosa. Estava parada, quando Deus, assim de improviso, a chamou?

Na manhã seguinte, assistí a santa missa por ela, na capela particular da pensão das freiras, onde estava hospedada, rezei fervorosamente pela paz de sua alma e até ofereci a Comunhão nesta intenção.

Mas, o dia todo senti um mau-estar que pela tarde aumentou ainda mais. Adormeci inquieta. Enfim, fui acordada por um vito lento bater à minha porta. Acendi a luz. O relógio, sobre o criado, marcava meia-noite e dez. Não vi ninguém. Nenhum barulho se ouvia pela casa. Somente o das ondas do lago de Garda que se quebravam monotonas contra a murada do jardim da pensão. De vento, não se ouvia nem um sopro. E no entanto, ao acordar tinha acreditado perceber, além das batidas à porta, um rumor de vento semelhante àquele que se produzia quando do meu chefe de escritório, aborrecido, me passava, de mau jeito, alguma carta.



Refleti por um instante se devia le
vantar-me. "Tudo histórias..., disse reso-
lutamente a mim mesma. -E' a tua imaginação
excitada depois daquele caso de morte". Vi
rei-me para o outro lado, rezei alguns "pa-
ter" pelas almas do purgatório e procurei
dormir...

Mas, senti-me irresistivelmente inválida
por uma sensibilidade interior que se torna-
va sempre mais lúcida e nítida, enquanto ao
redor de mim a profundidade da noite desva-
necia em uma transparência indefinível que
dava a mim mesma e a todas as coisas cir-
cunstantes, um contorno sem espaço, fora do
comum.

Levantei-me alucinada e resolvi, mais de
pressa do que costumava, descer para a cape-
la da casa, como todas as manhãs. Ao abrir
a porta do quarto, tropecei em um maço de
folhas soltas de papel de carta. Apanha-las,
reconhecer a caligrafia de Anita e dar um
grito foi tudo a mesma coisa.

Tremendo, segurava as folhas na mão. Com-
preendia que em tal estado de espírito não
seria capaz de rezar nem sequer um "Pai Nos-
so" e além disso, subiu-me um sufocamento
asfixiante.

Não encontrei melhor recurso que sair fo-
ra, ao ar livre. Arrumei um pouco o cabelo,
joguei a carta na bolsa e sai de casa. Fora
subi por um trilho que, além da estrada
principal(a famosa Gardesana), vai em dire-
ção ao monte, entre oliveiras, jardins de
residências e moitas de louros.

A manhã surgia luminosa. Outras vezes, a
cada cem passos eu me extasiava diante do
magnífico panorama que dali se abre sobre o
lago e sobre a ilha de Garda, bela como de
fada.

O insondável azul da água me recreava
sempre. Eu contemplava admirada o cinzento
monte Baldo, que do outro lado se eleva len-
tamente, desde sessenta e quatro até mais
de 2.200 metros acima do nível do mar. En-
tretanto, agora, não tinha nenhum interesse
por nada disso. Após um quarto de hora de
caminho, me deixei cair, mecanicamente so-
bre um banco que se apóia entre dois cipres-
tes, onde, ainda no dia anterior, eu tinha
lido com tanto prazer a "Jungfer Therese" de
Federer. Considerei então, pela primeira
vez, os ciprestes como árvores dos mortos ;
isto que, no passado, nas cidades do sul,
onde frequentemente se vêm, não havia jama-
is suspeitado.



Agarrei a carta. Faltava a assinatura.
Mas, era, com absoluta certeza, a caligrafia
de Anita. Não faltava nem mesmo o grande ra-
bisco ornamental do S e o T à francesa, que
ela havia aprendido no escritório para abor-
recer o Sr. Gr.

O estilo não era o dela. Ao menos, não
falava como de costume, pois, ela sabia con-
versar de maneira extraordinariamente amá-
vel e sorrir pelos olhos celestes, com seu
belo narizinho amassado. Só quando discutia
mos assuntos de religião podia tornar-se ve-
nenosa e tomar o tom duro desta carta. (E,
julgando-a assim, experimento também a amar-
gura de seu estilo áspero!).

A sua carta do outro mundo eu a reprodu-
zo aqui, palavra por palavra, como a lí, en-
tão. Dizia assim:

"Clara - não reze por mim! Estou conde-
nada. Se lh'o comunico e lh'o refiro mais
longamente, não pense que o faça a título
de amizade. Nós aqui não amamos a mais
ninguém. Faça-o como que forçada. Faça-o
como "parte daquela potência que sempre
quer o Mal e faz o Bem". (1)

Na verdade eu desejaria vê-la também
chegar a este estado onde eu já me aportei
para sempre.(2)

Não se aborreça com esta intenção. Nós
aqui todos pensamos assim. Nossa vontade
está petrificada no mal- nisto que vocês,
juntamente, chamam de "mal". Mesmo quando
nós fazemos algo de "bem" como eu agora,
abrindo seus olhos sobre o inferno, isto
não acontece com boa intenção.(3)

Lembre-se ainda que a quatro anos nos conhecemos em...? Você tinha, então 23 a nos, e estava ali há já meio ano, quando eu cheguei. Você me livrou de alguns embaços. Você me deu, como a principiante, bons conselhos. Mas, que quer dizer "bom"?

Eu louvava então o seu "amor ao próximo" Ridículo! O seu auxílio derivava de pura beatice, como aliás, já o suspeitava desde aquele tempo. Nós não conhecemos aqui nada de bom. Em ninguém. O tempo de minha juventude você o conhece. Algumas lacunas eu preencho aqui.

Conforme o plano de meus pais, para dizer a verdade, eu não deveria ter existido. "Porém aconteceu-lhes, justamente, uma desgraça". Minhas duas irmãs tinham já 14 e 15 anos quando eu nasci.

Antes não tivesse existido! Pudessem eu agora aniquilar-me e fugir destes tormentos! Nenhuma volúpia igualaria aquela com que deixaria a existência, como um vestido de cinzas que se perde no nada. Mas, eu devo existir assim como me tornei: com uma existência falida.(4)

Quando Papai e Mamãe ainda jovens, se transferiram do campo para a cidade, ambos haviam perdido o contato com a igreja. Foi até melhor, assim. Simpatizaram-se com pessoas afastadas da igreja. conheceram-se em uma sala de bailes e, meio ano depois, "tiveram" que se casar.



Na cerimônia nupcial caiu sobre eles tanta (!) água benta que mamãe se contentava de ir à igreja, para a missa dominical umas duas vezes por ano. Nunca me ensinou rezar direito. Esgotava-se nos apertos da vida cotidiana, embora nossa situação não fôsse desfavorável. Palavras como: rezar, missa, água-benta, igreja, eu as escrevo com uma repugnância interna sem igual.



Detesto tudo isto como detesto quem frequenta a igreja, e, em geral, todos os homens e todas as coisas. De tudo, com efeito, nos advém tormento. Todo o conhecimento recebido na hora da morte, toda lembrança de coisas vividas ou sabidas é, para nós, uma chama ardente. E todas as lembranças nos mostram aquele aspecto que nelas, era Graça. Que nós desprezamos. Que tormento é este! Nós não comemos, não dormimos, não andamos por nossos pés. Espiritualmente açoitados, olhamos imbecilizados "com urros e ranger de dentes" a nossa vida levada aos montes, odiando e atormentados!(5)

Quer saber? - Nós aqui bebemos ódio como água. Também uns para com os outros.(6) Sobretudo, odiamos a Deus.

Quero que você o entenda. Os santos no céu, devem amá-los, porque eles o vêm sem véu, na sua fulgurante beleza. Isto os torna de tal maneira felizes que nem se pode descrever. Nós o sabemos, e este conhecimento nos torna furiosos.(7)

Os homens na terra que conhecem a Deus pela criação e pela revelação podem amá-lo. Mas não estão obrigados a isto.

Aquele que tem fé - escrevo rangendo os dentes - que refletindo, contempla Cristo na Cruz, com os braços abertos, acabará por amá-lo. Mas, aquele do qual Deus se aproxima só na desgraça, como punidor, como justo vingador, porque foi um dia, por ele repudiado, como acontece conosco - este não pode senão odiá-lo. Com todo o ímpeto de sua pérfida vontade. Eternamente. Por força da livre resolução de ser separados de Deus: resolução pela qual, morrendo, matamos nossa alma. Resolução que nem mesmo agora retiramos nem teremos, jamais, vontade de retirá-la.(8)

Você compreende, agora, por que é que o inferno dura sempre? Porque nossa obstinação jamais se desligará de nós.

Constrangida - acrescento que Deus é misericordioso até mesmo conosco. Digo "constrangida". Pois que, mesmo escrevendo espontaneamente esta carta, nem assim me é permitido mentir, como quereria, de boa vontade. Muitas coisas escrevo no papel contra a minha vontade. Até mesmo o ímpeto de impropérios que gostaria de vomitar, eu o devo abafar. Deus foi misericordioso conosco não deixando esgotar na terra nossa malvada vontade como estávamos dispostos a fazer. Isto teria aumentado nossas culpas e nossas penas.

Ele nos fez morrer antes do tempo, como eu, ou fez interferir outras circunstâncias atenuantes. Agora Ele se mostra misericordioso conosco, não nos obrigando a aproximar-nos d'Ele mais do que o estamos, neste remoto lugar infernal. Isto suaviza o tormento. (9)

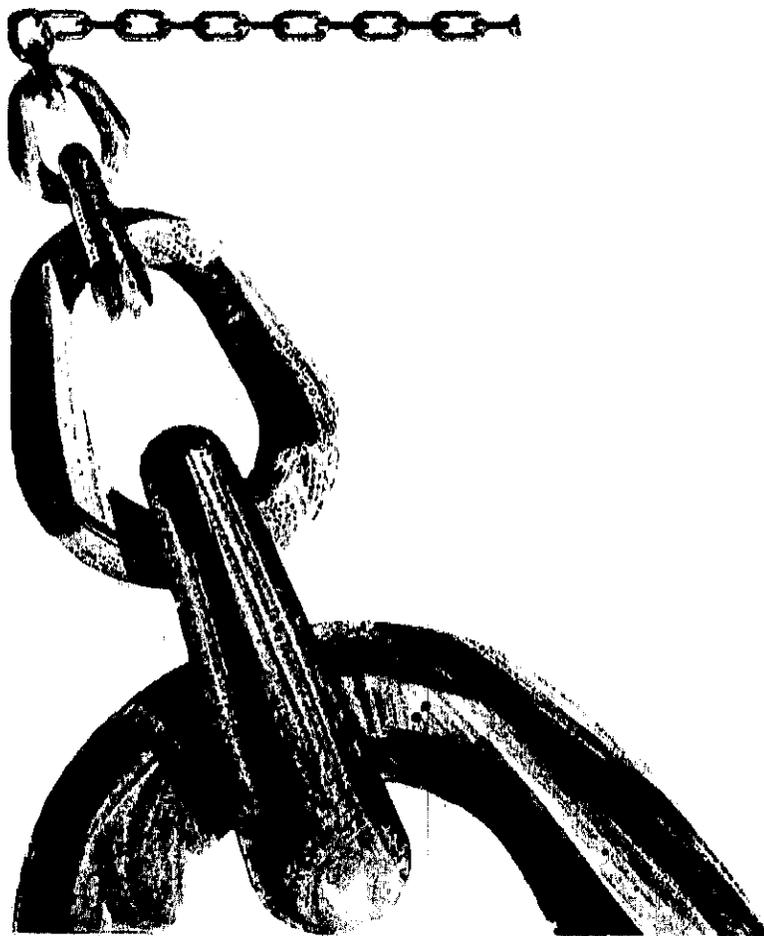
Todo passo que me levasse mais perto de Deus me causaria uma pena maior do que aquela que traria a ti o aproximar-te de uma fogueira.

Você se espantou, quando eu, certa vez, durante o passeio, lhe contei que meu pai, alguns dias antes de minha primeira comunhão, me havia dito: "Anita, procure merecer um belo vestidinho, porque o resto é exagero e exibição".

Pelo seu espanto, quase que até me teria envergonhada. Agora, me rio disto.

A única coisa razoável naquela exibição era que só se admitia à Comunhão, aos doze anos. Eu, naquela época, já me sentia bastante atraída pelos divertimentos do mundo, de modo que, sem escrúpulos, punha de lado as coisas religiosas, e, não dei grande importância à primeira comunhão. Que muitos meninos, agora, façam a primeira comunhão aos sete anos, nos causa furor. Fazemos tudo para dar a entender ao povo, que deve faltar às crianças uma instrução adequada. Elas devem, antes, cometer alguns pecados mortais. Então a partícula branca não provoca nelas um tão grande dano como quando em seus corações vivem ainda, a fé, a esperança e a caridade. Chi! Esta coisa recebida no batismo. Você se lembra, como eu já havia sustentado na terra, tal opinião?

Fiz referência a meu pai. Ele estava sempre em atrito com mamãe. Fiz alusão a eles com você, apenas algumas vezes, por que me causavam vergonha. Coisa ridícula a vergonha do mal! Para nós aqui, tudo é a mesma coisa.



Meus pais nem sequer dormiam mais no mesmo quarto, mas, eu com mamãe e papai no quarto do lado, onde podia entrar, livremente, a qualquer hora da noite. Bebia muito; e, deste modo acabava com o nosso patrimônio. Minhas irmãs estavam, ambas empregadas, e necessitavam, conforme diziam, do dinheiro que ganhavam. Mamãe começou trabalhar para ganhar também alguma coisa.

No último ano de sua vida, papai maltratava muito mamãe quando ela não lhe queria dar alguma coisa. Para comigo foi sempre carinhoso.

Um dia - eu lhe contei e você ficou chocada com meu capricho (mas, com você não ficou chocada em minhas referências?) - um dia, ele teve que levar de volta duas vezes, os sapatos que comprou para mim, por que a fôrma e os saltos não eram bem moderados. (10)

Na noite em que meu pai foi atacado a poplexia mortal, aconteceu que alguma coisa que eu, por receio de uma interpretação desagradável, nunca consegui contar-lhe: foi quando fui assustada, pela primeira vez, por meu espírito atormentador de agora.

Dormia no quarto de minha mãe. Seus suspiros regulares indicavam um sono profundo. Quando de repente escuto chamar-me pelo nome. Uma voz desconhecida me diz: "Que será se seu pai morrer?".

Eu não gostava mais de meu pai, desde quando tratava tão mal minha mãe, como afinal, eu não gostava, desde aquele tempo, absolutamente de ninguém, mas, era afeiçoada somente à algumas pessoas que eram boas para mim. Amor sem esperança de recompensa terrena existe somente nas almas em estado de graça. E eu não o possuía. Assim, respondi à misteriosa pergunta, sem ligar de onde viesse: "mas, não morre nunca!".

Após uma breve pausa, novamente, a mesma pergunta claramente percebida. "Mas, não morre nunca" me escapou bruscamente da boca.

Pela terceira vez fui interrogada: "Que será se teu pai morrer?".

Apresentou-se-me à mente, como papai costumava chegar em casa quase sempre em brigado, como gritava, como maltratava mamãe e como nos havia reduzido a uma condição humilhante diante do povo. Então grítei, aborrecida: "E, para ele é bom".

Então, tudo sossegou. Na manhã seguinte, quando mamãe quis arrumar o quarto do papai, encontrou a porta fechada à chave. Pelo meio-dia resolvemos arrombar a porta. Meu pai, meio vestido, jazia morto sobre a cama. Ao ir buscar a bebida na adega, devia ter-lhe acontecido algum acidente. E já se encontrava, há muito tempo, adoentado. (Te ria Deus ligado à vontade de uma filha, para com a qual, aquele homem havia sido, de certo modo, bom, a ocasião para converter-se?).

Marta K e você me induziram a entrar na "Associação das Moças". Realmente, nunca ocultei que achava bastante sintonizadas com o costume paroquial, as instruções das presidentes, as Senhoras. F. e G.

Os jogos eram divertidos, como você sabe, logo um lugar na diretoria. Gostava disso. Também os passeios me agradavam. Deixei-me até induzir, algumas vezes, a ir confessar e comungar. Para dizer a verdade, não tinha nada para confessar. Pensamentos e palavras, para mim, não tinham nenhuma importância. Para praticar ações grosseiras, eu não estava ainda bastante corrompida.

Uma vez você admoestou: "Ana, se você não reza mais, você se perderá".

Eu, de fato, rezava pouco e além disso, de muito má vontade. Agora vejo que, infelizmente, você tinha razão. Todos aqueles que se queimam no inferno, é porque não rezam, ou não rezaram bastante.

A oração é o primeiro passo para Deus. E continua o passo decisivo. Especialmente a oração àquela que foi a Mão de Jesus Cristo, cujo nome nós não pronunciamos nunca. A devoção a Ela, arranca ao demônio inúmeras almas que o pecado lhe poria, infalivelmente, nas mãos.

Continuo a narração consumindo-me da raiva, e só porque devo.

Rezar é a coisa mais fácil que o homem pode fazer na terra. E, justamente, a esta coisa facilíma é que Deus ligou a salvação de cada um. A quem reza com perseverança ele, pouco a pouco, dá tanta luz e fortifica-o, de maneira tal, que no fim, mesmo o pecador mais empedernido, pode definitivamente se elevar. Ainda que estívesse mergulhado na lama até o pescoço.

Nos últimos dias da minha vida não rezei mais como devia, e assim fiquei privada das graças sem as quais ninguém pode se salvar.



Aqui não recebemos mais nenhuma graça. Ao contrário, mesmo que recebêssemos, nós, cinicamente, as rejeitaríamos. Todas as oscilações da existência terrena terminaram nesta outra vida. Entre vocês, ai na terra, o homem pode subir do estado do pecado ao estado de graça. Da graça cair no pecado. Muitas vezes por fraqueza ou talvez por malícia. Com a morte, este subir e descer acabam porque tem sua raiz na imperfeição do homem livre. Agora, já atingimos o estado final. Já com o crescer dos anos as transformações se tornam mais raras.



UM DOS GRANDES TORMENTOS DO INFERNO É A VISÃO DOS DEMONIOS. ALI TODOS O DEIAM A TODOS E SE ODEIAM. E PIOR QUE TUDO, JAMAIS SE VERÁ A DEUS.

No entanto, até a morte, se pode sempre converter-se para Deus ou voltar-lhe as costas. E no entanto, o homem, como que arrastado pela corrente, antes do desenlace, com os últimos e fracos restos da vontade, se comporta como estava acostumado em vida. O hábito bom ou mau, torna-se segunda natureza. Esta o arrasta consigo.

Assim aconteceu também comigo. Há anos eu vivia afastada de Deus. Por isso na última chamada da graça, me decidi contra Deus.

Não o fato de que eu pecasse frequentemente, foi para mim fatal, mas, fatal foi que eu não quis mais ressurgir.

Você, varias vezes me admoestou para ouvir pregações e ler livros de piedade. "Não tenho tempo" era a minha resposta ordinária. Não faltava mais nada para aumentar a minha incerteza interior!

Afinal, devo constatar isto: desde o momento em que a coisa já estava assim adiantada, pouco antes de minha saída da "Associação das Moças", me teria sido imensamente duro tomar uma outra estrada.

Eu me sentia insegura e infeliz. Mas, diante da conversão surgia uma muralha. Você não o deve ter percebido e a considerava coisa tão simples que um dia me disse: "Mas, faça uma boa confissão, Ana, e tudo retoma o seu lugar". Eu sabia que teria sido mesmo assim. Mas, o mundo, o demônio e a carne me prendiam já, muito fortemente em suas redes.

Ao influxo do demônio eu nunca dei crédito e agora atesto que ele influi galhardamente nas pessoas que se encontram nas condições em que me encontrava então. Somente muitas orações de outros e mesmo minhas, unidas com sacrifícios e sofrimentos, teriam conseguido arrancar-me dele. E, isto, só aos poucos. Se existem poucos obsessos externamente, há uma infinidade de obsessos internamente. O demônio não pode roubar a vontade livre daqueles que se entregam ao seu influxo. Mas, como castigo de sua, por assim dizer, apostasia metódica de Deus, este, permite que o "maligno" se aninhe neles.

Eu odeio também o demônio. No entanto, ele me agrada porque procura arruinar vocês; ele e os seus satélites, os espíritos caídos com ele, no princípio do tempo. Eles existem aos milhões. Vagabundeiam pela terra como um enxame de moscas e vocês nem o percebem.(11)

Não compete a nós condenados a missão de ir tentar os homens mas, isto é tarefa dos espíritos decaídos. Verdaderamente, isto aumenta mais ainda o seu tormento cada vez que eles arrastam cá para o inferno no uma alma humana. Mas, o que é que não faz o ódio?(12)(13)

Ainda que eu andasse pelos caminhos afastados de Deus, Deus sempre me seguia. Preparava o caminho para a graça com atos de caridade natural que eu fazia muitas vezes por inclinação do meu temperamento. Algumas vezes, Deus me atraía em alguma igreja. Então, eu sentia, como que, uma saudade.

Quando cuidava de mamãe adoentada, não obstante o trabalho do escritório durante o dia e de certo modo me sacrificava de verdade, estes engodos de Deus agiam poderosamente. Uma vez, na capela do hospital, onde você me havia levado, durante o intervalo do meio-dia, senti dentro de mim alguma coisa que teria sido necessário apenas um passo para a minha conversão: e eu chorei!

Mas, ao depois, a alegria do mundo passava de novo, como uma torrente, sobre a graça. A semente se sufocava entre os espinhos.

Com a declaração que a religião é negócio de sentimento, como sempre se dizia no escritório, atirei ao cesto também esta moção de graça, como todas as outras.

Certa vez, você me chamou a atenção porque em vez de uma genuflexão bem feita fiz apenas uma desajeitada inclinação, do brando o joelho. Você pensou que fosse preguiça. Não parecia que você suspeitasse sequer que eu desde aquele tempo, já não acreditava mais na presença de Cristo na Eucaristia.

Agora acredito, mas sô naturalmente, como se acredita em um temporal, do qual de correm os efeitos. Até então, eu estava instalada, propriamente, em uma religião a meu modo. Sustentava a opinião que entre nós, no escritório, era comum, que a alma após a morte reaparece em um outro ser. E deste modo, continuaria a peregrinar sem fim. Com isto, o angustiante problema do além era posto em seu lugar e ao mesmo tempo se tornava inofensivo para mim.

Porque você não me lembrou a parábola do rico epulão e do pobre Lázaro, em que o narrador, Cristo, manda, imediatamente, um para o inferno e outro para o céu?....

Afinal, o que é que você teria conseguido? Nada, além daquilo que seus outros sermões de carolice!

Pouco à pouco, eu criei para mim mesma um deus. Bastante afastado de mim, para não ter que manter nenhuma relação com ele. Bastante vago para deixar-se, conforme a necessidade, sem mudar minha religião assemelhar a um deus panteístico do mundo, ou então, para deixar-se poetizar como um deus solitário. Este deus não tinha nenhum céu para presentear-me e nenhum inferno para castigar-me. Eu o deixava em paz, e ele também a mim. Nisto consistia minha adoração a ele.

"O que nos agrada a gente acredita de boa vontade". No correr dos anos, me conservei bastante convicta de minha religião. Deste modo, podia-se viver. Somente uma coisa me teria quebrado a cabeça: uma longa e profunda dor. E esta não veio!

Compreendi agora o que significa: "Deus castiga aquele que Ele ama?"

Era um domingo de julho, quando a Associação das Moças organizou uma excursão a... O passeio me teria sido bem agradável. Mas, aqueles sermões insípidos... passar por beata...

Uma outra imagem bem diferente daquela de Nossa Senhora de... estava há pouco tempo, no altar do meu coração. Max N., o empregado do negócio vizinho. Pouco tempo antes, havíamos algumas vezes brincado juntos. Justamente para aquele domingo, ele me havia convidado para um passeio. Aquela com quem ele costumava passear estava doente no hospital.

Ele havia compreendido que eu estava de olho nele. Casar-nos, eu ainda não pensava naquele tempo. Era realmente possível, mas, ele se comportava demasiadamente delicado com todas as moças. E, eu até aquela época, desejava um homem que fosse exclusivamente meu. Desejava, não só ser mulher, mas, mulher única. Um certo traquejo natural, de fato, sempre tive.

(É verdade! Anita, com toda a sua indiferença religiosa, tinha algo de nobre no seu procedimento. Eu me espanto ao pensar que também pessoas bem educadas podem ir para o inferno, quando são tão mal-educados a ponto de fugir de Deus).

Naquele passeio Max se derreteu em gentilezas. E, não ouve lugar para conversações padrescas, como entre vocês.

No dia seguinte, no escritório, você me fez reclamações por não ter ido com vocês a..., e eu lhe descrevi meu divertimento naquele domingo. Sua primeira pergunta foi: "você assistiu a Missa?" "Bobinha! Como podia ir a Missa se a saída já estava marcada para às seis!" Lembra-se ainda como eu, nervosa, acrescentei: "Deus não pensa nestas minúcias como os padrecos de vocês!"



O TEMPO PASSA. A MORTE VEM.
A ETERNIDADE SE APROXIMA.
IREMOS PARA O INFERNO SE
MORRERMOS COM UM SÓ PECADO
MORTAL

Agora, devo confessar: Deus, não obstante sua infinita bondade, pesa as coisas com maior precisão do que todos eles (os padres).

Depois daquele primeira passeio com Max, fui ainda uma vez à Associação: pelo Natal para celebrar a festa. Havia alguma coisa que me convidava a voltar, Mas, internamente, eu me sentia já, afastada de vocês.

Cinema, baile, passeios, se sucediam sem trégua. Max e eu brigamos sim, algumas vezes, mas, eu soube sempre acorrentá-lo de novo, em mim.

Insuportável tornou-se-me a outra amante que, saindo do hospital, procedeu como uma louca. Realmente para sorte minha. Pois, minha nobre calma impressionou tanto Max que ele acabou decidindo que eu fosse a preferida. Eu soube enchê-la de ódio falando friamente: por fora, positiva, por dentro vomitando veneno.

Tais sentimentos e tal procedimento preparam, excelentemente, para o inferno. São diabólicos no sentido mais estreito da palavra.

Mas, por que lhe conto isto? Para relatar como me afastei definitivamente, de Deus.

Não que eu e Max, tenhamos, muitas vezes, chegado aos extremos da familiaridade. Eu compreendia que me teria rebaixado aos seus olhos, se me tivesse entregue, completamente, antes do tempo. Por isso, soube controlar-me. Mas, em si, toda vez que o julgava útil, eu estava sempre disposta a tudo. Devia conquistar Max. Para isso, nada era caro demais. Além disso, pouco a pouco nos amávamos, possuindo nós dois muitas e preciosas qualidades que nos faziam estimar um ao outro. Eu era hábil, inteligente, de agradável companhia. Assim segurei Max, fortemente na mão e consegui, ao menos nos últimos meses do casamento, ser a única a possuí-lo.



Nisto consistiu minha apostasia de Deus: elevar uma criatura à categoria de ídolo para mim. Em nenhuma outra coisa pode acontecer isto, de modo que abranja tudo, como no amor de uma pessoa de outro sexo, quando este amor fica encachado nas satisfações terrenas. É isto que forma o seu atrativo, o seu estímulo e o seu veneno. A "adoração" que eu tributava a mim mesma, na pessoa de Max, tornou-se para mim, religião vivida. Era o tempo em que, no escritório, eu me insurgia, venenosa, contra os igrejeiros, os padres, as indulgências, contra o resmungo dos rosários e outras bobagens.

Você procurou, mais ou menos argutamente, tomar a defesa de tais coisas. Sem desconfiar, aparentemente, que no mais íntimo do meu ser, não se tratava, na verdade, destas coisas.

Eu procurava, mais que tudo, um apoio para minha consciência - eu tinha, então, necessidade de um tal sustento - para justificar, também com a razão a minha apostasia.

Afinal de contas, eu me revoltava contra Deus. Você não me compreendeu, considerando-me, ainda católica. Queria mesmo ser chamada assim; pagava até as taxas da igreja. Uma certa "contra-garantia", pensava, não devia prejudicar-me.

As suas respostas, pode ser que algumas vezes, tenham acertado o alvo. Para mim, nada adiantava, porque você não devia ter razão. Por causa destas relações fictícias entre duas, é que foi mínimo o pesar de nossa separação, por ocasião de meu casamento. Antes do casamento confessei-me e comunguei ainda uma vez. Era o brigatório. Eu e meu marido, sobre este ponto, pensávamos do mesmo modo.

Por que não deveríamos satisfazer esta formalidade? Cumprámo-la também nós, como qualquer outra formalidade.

Você qualifica de indigna uma tal comunhão. Pois bem, depois daquela comunhão "indigna", eu tive mais calma na consciência. Mas, também, foi a última.



A nossa vida conjugal transcorria, em geral, numa invejável harmonia. Em todos os pontos de vista tínhamos a mesma opinião. Até nisto: que não queríamos arcar com o peso dos filhos. Realmente, meu marido, de boa vontade, teria tido um. Mais de um, não, é claro. No fim, eu soube desviá-lo também deste desejo.

Vestidos, móveis de luxo, salões de chá, passeios e viagens de carro e semelhantes distrações, me interessavam mais. Foi um ano de prazer na terra aquele que transcorreu entre meu casamento e minha morte repentina.

Todo domingo, saíamos de carro ou íamos visitar os parentes de meu marido, (de minha mãe, agora me envergonhava). Estes flutuavam na superfície de existência, nem mais, nem menos que nós intimamente, é claro, nunca me sentia feliz, embora, externamente, rrisse.

Havia, sempre, dentro de mim, alguma coisa de indeterminado que me roía. Teria querido que após a morte, a qual naturalmente, devia estar ainda muito longe, tudo acabasse.

Mas, é mesmo, como um dia, quando pequena, ouvi dizer na prática: que Deus premia toda obra boa que a gente faz e quando não a puder recompensar na outra vida, fá-lo sobre a terra.

Inesperadamente, recebi uma herança da tia Lotte. Meu marido felizmente conseguiu elevar seus vencimentos a uma notável quantidade. Assim, pude organizar a nova residência de maneira atraente.

A religião não refletia mais, senão de longe, a sua luz pálida fraca e duvidosa. Os bares da cidade, os hotéis em que passávamos durante as viagens, não nos levavam, de certo, para Deus. Todos os que frequentavam aqueles lugares, viviam como nós, "de fora para dentro" e não "de dentro para fora". Se em viagens de férias visitávamos alguma igreja, nós procurávamos deleitar-nos com o conteúdo artístico das obras. O clima religioso que inspiravam, especialmente, aquelas da Idade Média, eu sabia neutralizar, criticando alguma circunstância secundária: um frade acompanhado, ou mal vestido que nos guiava - o escândalo dos monges que queriam passar por santos e vendiam licôres - o eterno repique de sinos para as funções sagradas só para ajuntar dinheiro...

Assim, soube, continuamente, espantar de mim a Graça toda vez que ela batia à minha porta. Deixava livre desabafo ao meu mau humor de modo particular sobre representações medievais do inferno, nos cemitérios ou em outros lugares em que o demônio assa as almas em brasa viva e incandescentes, enquanto seus companheiros, de longas caudas, arrastam para cá novas vítimas. Clara! O inferno pode-se errar ao descrevê-lo, mas não se exagera nunca!

O fogo do inferno, eu sempre o ataquei decisivamente. Você sabe, como durante uma discussão a respeito, lhe coloquei um fósforo diante do nariz e lhe perguntei com sarcasmo: "tem esse cheiro?" Você apagou, de pressa a chama. Aqui, ninguém a apaga. E, eu lhe digo: o fogo de que se fala na Bíblia não significa tormento de consciência, não. Fogo é fogo! E deve-se entender literalmente aquilo que disse Ele: "Afastai-vos de mim, malditos para o fogo eterno!" Literalmente!

"Como pode o espírito ser atingido pelo fogo material?" Perguntará você.

Como pode sua alma sofrer, na terra, quando você coloca seu dedo no fogo? A alma, de fato, não queima. No entanto, que tormento experimenta o indivíduo todo! De modo análogo, nós não estamos espiritualmente ligados ao fogo, segundo a nossa natureza e segundo as nossas faculdades. Nossa alma está privada do seu natural "bater de asas", nós não podemos pensar aquilo que queremos, nem como queremos. (14)

Não olhe com espanto para estas linhas: este estado, que, para vocês, não significa nada, que queima sem me consumir. Nosso maior tormento consiste em saber que nós jamais veremos a Deus.

Como pode isto atormentar tanto, uma vez que na terra a gente fica tão indifferente? Enquanto o punhal está sobre a mesa nos deixa indifferentes. Vê-se que está bem afiado, mas, não o experimentamos. Enfia este punhal na sua carne e você começará a gritar de dor. Nós agora sentimos a perda de Deus, antes, somente, pensávamos nela. (15)

Nem todas as almas sofrem em igual medida. Com quanto maior maldade e quanto mais sistematicamente uma pessoa pecou, tanto mais grave pesa sobre a criatura de que ela abusou.

Os católicos condenados sofrem muito mais do que os de outras religiões, porque estes, geralmente, receberam e desprezaram mais graças e mais luz.

Quem mais soube, sofre mais duramente do que quem conheceu menos. Quem pecou por malícia sofre mais agudamente do que aquele que cai por fraqueza. Mas, ninguém sofre mais do que mereceu. Oh! Se isso fosse verdade, de modo que eu tivesse um motivo para odiar!

Você me disse um dia que ninguém vai para o inferno sem o saber e que isto teria sido revelado por uma santa.

Eu me ri disso. Mas, depois, me escondi atrás desta declaração: "qual nada, em caso de necessidade, haverá bastante tempo para voltar atrás" me dizia secretamente.

E aquilo é verdade. Realmente, antes de meu inesperado fim, eu não conheci o inferno como ele é. Nenhum mortal o conhece. Mas, eu tinha plena consciência: "se morres, vais, no mundo do além, rápida como uma flecha, contra Deus. Sofrerás as consequências".



Eu não dei um passo sequer para trás, como já disse, porque estava dominada pelo hábito. Impelida por aquela conformidade pela qual os homens mais envelhecem - tanto mais agem em uma mesma direção. Minha morte foi assim.

Há uma semana - falo conforme a conta de vocês, porque, com relação a dor, podia dizer que já fazem dez anos, que queimo no inferno - há uma semana, portanto meu marido e eu fizemos um passeio de Domingo, o último para mim.

O dia surgiu radiante. Sentia-me bem como nunca. Invadiu-me um sinistro sentimento de felicidade que serpejou em mim durante todo o dia. Quando, de repente, na volta, meu marido foi ofuscado por um carro que vinha em alta velocidade. Perdeu o controle.

"Jesus" me saiu dos lábios, com um arrepiado. Não como oração, só como um grito.

Uma dor lancinante invadiu-me toda - comparada com a de agora, uma coisa atoa. Logo, perdi os sentidos.

Estranho! Naquela manhã surgiu em mim de modo inexplicável este pensamento: "poderias ainda uma vez ir a missa". Insistentemente como um pedido.

Claro e resolutivo o meu "não" partiu o fio dos pensamentos: "com estas coisas é preciso acabar de uma vez. Arco com todas as consequências". Agora as sofro.

Isto que aconteceu após a minha morte, você, já o saberá. A sorte de meu marido, de minha mãe, tudo que aconteceu a meu corpo, o desenrolar de meus funerais, são conhecidos por mim em todos os seus pormenores, mediante conhecimentos naturais que nós temos aqui.

O que afinal acontece na terra, nós só o sabemos confusamente. Mas aquilo que de alguma maneira nos atinge de perto, nós o conhecemos. Assim, vejo também onde você passa seu tempo. (16)

Eu mesma me acordei, inesperadamente, da escuridão, no instante de minha morte. Vi-me como que inundada por uma luz deslumbrante. Foi no lugar mesmo onde jazia meu corpo. Aconteceu como em um teatro, quando na sala, de repente, se apagam as luzes, o pano de boca se rasga rumorosamente, e se abre uma cena inesperada, horrivelmente iluminada. A cena de minha vida. Como em um espelho minha alma se mostrou a mim mesma. As Graças desprezadas da juventude até o último "não" diante de Deus. Eu me senti como um assassino diante do qual, durante o processo judicial, é levada sua vítima desfalecida.

- Arrepender-me? Nunca!(17)
- Envergonhar-me? Tão pouco!

Eu não podia, porém nem sequer resistir-me diante dos olhos de Deus por mim rejeitado. Não sobrava senão um recurso: a fuga. Como Caim fugiu do cadáver de Abel, assim, minha alma foi impelida para longe daquela vista de horror. Isto foi o juízo particular. O juiz invisível disse: "Afasta-te de mim!" Então minha alma, como uma sombra amarela de enxofre precipitou no lugar do eterno tormento.(18)

Assim, terminava a carta de Anita, pro cedente do inferno. As últimas eram quase ilegíveis, de tão deformadas que estavam. A própria carta se incinerou em minhas mãos.

De repente - que acontecia?

Na rude linguagem daquelas linhas que eu tinha acreditado ler, ressoa um suave toque de sinos.

Acordei de sobressalto. Estava ainda na cama, em meu quarto! O clarão vermelho da manhã penetrava pela janela. Da paróquia se ouvia o toque da Ave-Maria. Não sabia capacitar-me quanto havia acontecido!(19)

Não senti, jamais, o conforto da saudade angélica como após um tal retorno à serenidade da manhã. Recitei, lentamente, as três Ave Marias. Então, tornou-se-me claríssimo: "A ela te deves manter serena, à bendita Mãe do Senhor; deves honrar filialmente a Maria se não queres ter a sorte de uma alma que não verá jamais a Deus".

Tremendo ainda, pela assustadora noite, vesti-me depressa e corri para baixo, pelas escadas, para a capela de casa.

Meu coração batia até na garganta. As poucas hóspedes ajoelhadas mais perto de mim, me reparavam. Mas, talvez, pudessem pensar que eu estivesse tão excitada por que havia corrido pelas escadas.

Uma senhora bondosa e velha de Buda peste, experimentada já pelo sofrimento, fraca como uma criança, mope, mas perita nas coisas espirituais e fervorosa no servir a Deus, à tarde no jardim, me disse sorrindo: "Menina, Deus não quer ser servido pelo trem expresso!".

Mas, em seguida percebeu que alguma outra coisa havia me agitado e ainda me agitava. Tranquilizando-me, acrescentou:

Notas do Editor

- (1) Palavras de Metastase no "Fausto" de Goethe versão italiana G. Manacorda - t. I pag. 42 - Milano 1932
- (2) Sto. Tomas de Aquino - Summa Teologica (S. Th. Suplemento (Supl.) Q. 98 a. 4. "Os condenados queriam que todos os bons se condenassem"
- (3) S. Th. Supl. Q. 98, a. 1, 1. "Eles tem uma vontade deliberativa: Tal vontade deles e somente ma"
- (4) S. Th. Supl. Q. 98, a. 3, r. ad 3. "O que existiu enquanto libertaria de uma vida de punição e de infelicidade seria melhor para os condenados do que ser infelizes, e assim, preferiram não existir"
- (5) S. Th. Supl. Q. 98, a. 7, 1. "Não ha nada nos condenados que não lhes seja materia e motivo de pena Assim (por exemplo) quando voltam a sua atenção para coisas conhecidas na vida"
- (6) S. Th. Supl. Q. 98 a. 4, 1. "Nos condenados dummia um odu periculu"
- (7) S. Th. Supl. Q. 98, a. 9, 1. "Antes do dia do juizo, os condenados não vem os bemaventurados a ponto de conhecer a natureza da sua gloria mas, sabem somente que eles se encontram em uma gloria inestimavel"
- (8) S. Th. Supl. Q. 98 a. 8 ad 1. ai, a. 5, r. "os condenados tem odio a Deus porque Ele os castiga e lhes proibe aquilo que estaria de acordo com a sua própria maldade de vontade. Por isso o condenados somente castigo punidor e proibidor". Portanto, conhecido a Deus nos efeitos da sua justiça, isto é na sua punição, odiaram-no como odiavam os castigos que eles suportam"
- (9) S. Th. I, q. 21, a. 4, ad 1. "Na condenação dos réprobos aparece a misericórdia de Deus enquanto Ele os castiga menos do que mereciam". Em outro lugar o Doutor Angélico acrescenta que isto acontece especialmente com aqueles que na terra foram misericordiosos para com outros (Supl. Q. 99, a. 5, ad 1).
- (10) Os detalhes precedentes sobre o pai de Anita e o episódio seguinte são fatos constatados.
- (11) O influxo dos espiritos malignos está comprehendido no termo: "demônio". Como prova de sua presença bastam os dois trechos seguintes da Sagrada Escritura, que talvez são meditados, demasiadamente pouco. "Trançais sede sóbrios e vigiai, porque o vosso adversário, o demônio, vos circunda como um leão que rugir procura a quem devorar" (1 Pedro 5, 8). O rugido não significa que satanás faça muito barulho com suas tentações, mas, ao contrário, exprime a avidez com que ele procura perder-nos.
- S. Paulo escreve aos Efesios (6, 11-12). "Revestivos com a couraça de Deus, para poder enfrentar as insidias do demônio, pois que não é a nossa luta com sangue e com a carne (contra os homens), mas, contra os Principados e as Potestades, contra os dominadores do mundo das trevas, contra os espiritos malignos do ar". Aqui, se diz claramente, que o maligno nos hostiliza com inúmeros satélites provenientes dos vários cursos dos anjos decaídos (Principados, potestades etc.) (Conf. S. Th. I, Q. 63, a. 9, ad 3). O demônio não deveria chamar-se: "dominador do mundo" se seu influxo na terra não fosse poderoso.
- (12) S. Th. Supl. Q. 98, a. 6, ad 2. "Não compete aos réprobos levar à ruína os outros, como é offico próprio do demônio".
- (13) S. Th. Supl. Q. 98, a. 4, ad 3. "Quanto mais aumenta o número dos danos tanto mais cresce o tormento de cada um. Estão porém tão cheios de odio e de inveja, que eles preferem sofrer mais em companhia de muitos, do que sofrer menos só ózinhos".
- (14) S. Th. Supl. Q. 70 a. 3, r. "O fogo do inferno atormenta espirito impedindo-o de seguir a sua vontade. Este, (o espirito) não pode agir onde quer e como quer".
- (15) "Estar separados de Deus é um castigo tão enorme quanto grande é o próprio Deus". Trecho atribuído a Sto. Agostinho, Conf. Houdry, Bibliotheca vaticana-torunum (Ve ueza 1786, t. 2, sob a palavra inferno, § IV, pag. 427).
- (16) S. Th. I, Q. 89, a. 3, 1. "As almas dos que morreram não tem um conhecimento certo e distinto de todas as coisas naturais, mas, somente, um conhecimento generico e contuso" (Conf. também ai, a. 1, r.) - S. Th. I, Q. 89, a. 4, r. "Mediante estas ideias (infusas) as almas dos mortos são capazes de conhecer somente aquelas coisas particulares com as quais elas, de algum modo, tem relação seja por um conhecimento antecedente, seja por alguma afecção, ou por disposição natural, ou então, por ordem divina".
- (17) S. Th. Supl. Q. 98 a. 2, 1. "Os maus propriamente não se arrependem dos pecados porque estão presos ao pecado com um vontade perida. Porém, sentem desprazer enquanto são atormentados pela pena do pecado".
- (18) Herve - Praecept Theol Dogm. 12.ª edição - (Paris, 1934), IV n.º 694. "E' certo, e conforme Suarez etc artigo de fé, que o inferno é um lugar determinado". A eternidade das penas do inferno e verdade de fé, talvez, a mais terrível de todas Conf. na Escritura Sagrada. Mat 25, 41 e 46, 2. Tess. 1, 9. Juizes, 5, 13; Apoc. 14, 11 e 20, 10. Todos trechos inconflutáveis em que a palavra "eterno" não se deixa mudar em "longo". Se não fosse permitido ilustrar ainda uma vez, esta verdade de fé com um fato particular, nem sequer o Divino Salvador teria podido narrar a parábola do rico Epulão e do pobre Lázaro. Lá ele fez, precisamente o mesmo que se conta aqui: desceu a grandes pinceladas o inferno e como se vai para lá. Não por espirito de sensacionalismo, mas impellido pela mesma intenção que deu origem a esta publicação, intenção expressa naquelas palavras "desçamos vivos ao inferno, para não descer la morrendo". Esta expressão é uma paráfrase do v. 16 do Salmo 54. "Caia a morte sobre eles e desçam vivos aos Infernos". "Descendant viventes ne descendant morientes", que se encontra em Guillaume de Saint-Thibaut, med. Vives orationes, Med. VI, Ed. M. M. Davy, Paris 1934, pag. 156 - 160 e na carta ad fratres de Monte Dei, do mesmo autor, Ed. M. M. Davy Un traité de la vie solitaire pag. 79, Paris, 1940, obra outrora atribuída a São Bernardo.
- (19) S. Th. III Q. 95, a. 6. "De Deus pode depender, alguma vez, a causa espiritual do sonho. Ele pelo misterio dos Anjos revela algumas coisas aos homens mediante os sonhos". De fato também na agiografia, frequentemente, o sonho serve de estímulo providencial para obras boas e grandes.
- (20) Obras de Santa Teresa d'Avila da autoria do P. Camillo Mella S. J. (Modena, 1884), t. VII, pag. 200

"Nada te pertube..." - você conhece o verso de Santa Teresa?

"Nada te pertube.
Nada te amedronte.
Tudo passa.
Deus não se muda.
A paciência
Tudo consegue.
A quem possui Deus
Não falta nada:
Deus só basta".(20)

Enquanto ela sussurrava estes versos, devagar e sem nenhuma tonalidade instrutiva, me pareceu como se eu lesse na minha alma: - "Deus só basta!".

Sim. Ele só me deve bastar aqui em baixo e no além. Eu quero, um dia, possuí-lo no além, mesmo que me custe aqui muitos sacrifícios. Não quero ir para o inferno.



A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA É UM SINAL MARAVILHOSO DE SALVAÇÃO. ATÉ O PECADOR MAIS EMPEDERNIDO, CONVERTER-SE-Á SE A ELA RECORRER. PEÇAMOS, POIS, A ESTA BOA MÃE QUE NOS DÊ A INSIGNE GRAÇA DE UM SINCERO ARREPENDIMENTO DE NOSSOS PECADOS,

E A TAMBÉM SUBLIME GRAÇA DE NÃO MAIS OFENDER-MOS A NOSSO SENHOR JESUS CRISTO.

AJUDE



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»

Alguns bons amigos atenderam nossos apelos e nos ajudaram. Mas, voltamos a pedir ajuda, pois as dificuldades financeiras nos impelem a isso. Você, amável leitor, estimada leitora pode também nos ajudar. Para tanto, basta ir a qualquer agência ou do Banco Itaú ou do Bradesco e nelas enviar sua contribuição para as nossas contas respectivas:

NO BANCO ITAÚ:

CONTA CORRENTE 00433-0, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 0003-MERCÚRIO-SÃO PAULO-SP

NO BRADESCO:

CONTA CORRENTE 24019-2, EM NOME DO GRÊMIO ESPORTIVO, RECREATIVO E CULTURAL SANTA MARIA - AGÊNCIA 278-P - GASÔMETRO -SÃO PAULO- SP